

Chamam ao telefone a Dona Europa

Christoph Marthaler vem pela quinta vez ao Festival, agora com um espectáculo co-produzido pelo Piccolo Teatro di Milano e que integrou a última edição do Festival d'Avignon: *O cume* — em co-apresentação com o Teatro Nacional D. Maria II — consiste numa divertida e irreverente metáfora multilingue acerca das possibilidades, dos impasses, e dos equívocos desse projecto federativo chamado Europa. De novo o criador suíço traz-nos uma inesperada combinação de música — Mozart, Schubert, Beatles... — e literatura — Pasolini, Dylan Thomas, Ungaretti... —, capaz de arrancar gargalhadas até aos mais circunspectos.

Não será por acaso que os franceses, os ingleses, os alemães e os italianos têm nas suas línguas uma palavra que designa simultaneamente 'cume' e 'cimeira'. *Le sommet*, o título em francês da última criação de Christoph Marthaler, remete efectivamente para o conceito de 'melhor', 'o mais alto', 'o mais vistoso' — 'o cúmulo', ou 'o auge', diríamos nós em português. Mas é que quando se está no cume, no topo, olha-se em redor e não se vê mais nada. E nas cimeiras só botar-se discurso, embora tudo já tenha sido discutido antecipadamente. Neste espectáculo — que volta a inscrever-se na linha 'absurda-contemporânea' das criações de Marthaler — os actores provêm de países europeus com culturas e línguas distintas. Falam francês, italiano, alemão e algum inglês. E no entanto jamais é dado de barato que alguma vez chegarão a entender-se, ou pura e simplesmente ouvir-se mutuamente. O tal concílio político-cultural em que estas personagens participam parece-se tanto com a Suíça, de onde o encenador é originário, como com o próprio Velho Continente. De facto, esta Europa é tanto um sonho tornada realidade como uma construção burocrática.

"Há cimeiras que se revestem de alguma importância; outras mais parecem 'rituais

simbólicos', mas mantendo o ar de que darão origem a medidas importantíssimas", revela Marthaler. "E de facto estar no cume representa um feito assinalável, ao cabo de tanto esforço. Mas depois de lá estarmos, fazemos o quê? Derivamos para outras coisas: a filosofia, a poesia, ou pura e simplesmente o desânimo e a descida. As personagens desta nossa cimeira empenham-se numa ascensão que não as aproximou, de todo, do céu ou de qualquer ideia de divino. Não vislumbam o que quer que seja. Estão lá em cima, mas mais parecem estar no rés-do-chão! Talvez sejam políticos, ou gente rica e poderosa que escolheu isolar-se, ou um grupo que pura e simplesmente resolveu apartar-se do grande desconcerto do Mundo. Ali estão eles, isolados numa casinha. E na verdade esse isolamento é cada vez mais frequente nos nossos dias, sob as mais variadas formas: este nosso Mundo anda tão dividido que já deixou de fazer sentido".

De facto, no cenário — em que não falta o tal

cume, literal, de uma montanha — onde decorre o encontro imaginado por Marthaler conjuntamente com os seus intérpretes, de uma caixa SOS acaba por sair um vapor que tudo transforma numa sauna. A Mona Lisa irrompe, de um elevador para pessoas e também para comida, mas não tem ali lugar, e acaba por seguir para baixo (ou para cima). A dada altura uma 'excelsa francesa' desabafa: "O que mais me chateia aqui em cima é que não se compra nada!". E ouvem-se ainda helicópteros pairando acima — hélas — de tudo. Sobrevoam e vigiam, influem e manobram. Quem estará do lado de lá do olho vigilante deste Grande Irmão? Será Deus? Ou o 'Clube de Bilderberg'? Ou uma afadigada comissão do Parlamento Europeu? Apenas sabemos que 'esse tal alguém' manda um fax: nas suas criações Marthaler jamais nos habituou a oferecer-nos respostas.

**Amanhã e dia 18 no Teatro Municipal
Joaquim Benite**



© Mathias Horn

Eleição do Espectáculo de Honra 2027

Como habitual, no último dia do Festival, à entrada para o espectáculo do Palco Grande, o público poderá votar para a eleição do Espectáculo de Honra da próxima edição do Festival. Na corrida pelo prémio estão as seguintes criações: *Ansioliticamente Falando*, *SAUDAÇÕES*, *Fratto_X*, *Happy Days*, *Dialogues dans le rêve*, *Burn Burn Burn*, *Mussolini*, *La lettre*, *O beijo no asfalto*, *Só mais uma gaivota*, *Israel & Mohammed* e *El rey de la farándula*.

Repensar O beijo

Ontem na Esplanada Tónan Quito explicou-nos que a primeira questão colocada ao elenco de *O beijo no asfalto* foi simples, mas determinante: "Porquê fazermos este texto?". Embora Nelson Rodrigues seja uma referência para várias gerações de actores brasileiros, a actualidade da obra é questionável, visto tratar-se, segundo Quito, de uma peça "misógina e homofóbica: disto não conseguimos fugir". A partir dessa constatação, o trabalho desenvolvido com o elenco de actores brasileiros passou por encontrar uma forma de dialogar crítica-

mente com o texto, sem ignorar as tensões que atravessam a obra. "O difícil foi perceber qual é o sentido que podemos dar a este texto nos dias de hoje", explicou o encenador.

Uma das decisões significativas foi a reformulação do final da peça. O encenador considerou que o desfecho original, marcado pela vitória do moralismo e da ordem conservadora, não poderia ser apresentado sem um contraponto. Daí a introdução da figura de Santa Bárbara, que surge como uma presença capaz de abrir "outra possibilidade de se contar histórias e de perspectivar futuros mais inclusivos, mais empáticos e mais humanizados". (cont. →)

(cont. →) Também as didascálias de Nelson Rodrigues se transformaram num elemento central da encenação. Descritas como um “texto paralelo à peça”, foram inicialmente retiradas dos ensaios para permitir que os actores descobrissem livremente as personagens. Mais tarde, regressaram à cena, mas com uma nova função: estabelecer um diálogo crítico com o próprio autor. “Foste tu que escreveste isto; então vem para a cena dizer o problema que estás a criar aos próprios actores”, resumiu o encenador, explicando que muitas das indicações cénicas eram propositadamente ditas ou representadas de forma exagerada, evidenciando o seu carácter datado e abrindo espaço para o humor, a ironia e o distanciamento.

Ao longo da conversa com o crítico brasileiro Ruy Filho, foi ainda abordada a relação entre tragédia e comicidade, e a forma como o absurdo introduzido pelas didascálias permite quebrar o realismo da peça e criar momentos de reflexão, num jogo de interrogação permanente sobre o texto. Tónan Quito apontou ainda a diversidade do elenco brasileiro, que inclui intérpretes oriundos de várias regiões, como “uma das riquezas do processo”, que ampliou a leitura crítica de um espectáculo no qual se procura dialogar com o legado de Nelson Rodrigues sem deixar de o confrontar com as questões éticas, sociais e políticas do presente.

Teresa Dias Mendes

Uma lição de hospitalidade e engenho

© Pedro Castanheira



Como participante pela primeira vez no Festival de Almada, cheguei com a curiosidade de quem está por dentro do mundo do espectáculo. Sei exactamente quanto sangue, suor e noites sem dormir são necessários para organizar um evento desta dimensão. Desde o meu primeiro dia, o elemento mais marcante deste Festival tem sido a incrível afectividade da equipa: as boas-vindas são

genuinamente humanas e profundamente generosas. Para um convidado estrangeiro ainda a orientar-se numa cidade nova, esta gentileza imediata muda tudo.

O que realmente me impressionou foi a capacidade fenomenal desta equipa para realizar várias tarefas em simultâneo. Por trás dos bastidores de qualquer grande evento cultural esconde-se um quebra-cabeças caótico de elementos em constante movimento. Tenho observado a equipa de Almada lidar com esta pressão com um nível de calma e elegância que merece, por si só, uma ovação de pé. A organização funciona como uma máquina bem afinada, o que só acontece quando uma equipa é altamente qualificada, comunicativa e totalmente dedicada ao seu ofício.

Esta sólida base logística cria o cenário perfeito para o verdadeiro ponto alto do Festival: a sua ambiciosa programação. O Festival recusa-se categoricamente a jogar pelo seguro, ou a limitar-se a uma única vertente criativa. Em vez disso, oferece-nos um panorama abrangente do teatro contemporâneo. A programação equilibra com sucesso todos os géneros, pondo a dança contemporânea lado a lado com dramas políticos centrados no texto,

Os Mestres, de 1 a 5

Ao terceiro dia d'O sentido dos Mestres, percebeu-se por que motivo no início das sessões Miguel Seabra tem criado momentos musicais tão ecléticos. São rapsódias musicais que vão de Cesária Évora ou Astor Piazzolla, passam por *Flying to the moon* (cantado por Sinatra) e *Kuduro* e terminam em Marco Paulo ou Tony Carreira. “Os actores têm de treinar uma coisa fundamental: o não-apego, a não-identificação, a não-ligação emocional. Se gosto do que estou a ouvir é fácil emocio-

nar-me, mas se não gosto tenho de perceber onde encontro motivações, tenho de treinar a disponibilidade, para que ela seja transversal”.

Seabra partilhou um pouco mais da sua história, falando das experiências e da sua omnipresença no Teatro Meridional: faz itinerância há mais de 30 anos, está sempre em todas as montagens e em todos os espectáculos; já esteve em 24 países, dos 5 continentes; em Portugal foram 90 as localidades por onde passou; já trabalhou com 150 actores de 9 nacionalidades e já fez espectáculos para poucas pessoas e para mais de 5 mil.

Restaurante da Esplanada

HOJE
Paella
Peixe frito com arroz de pimentos
Tajine vegetariano

AMANHÃ
Frango crocante com salada de repolho
Choco guisado com puré
Feijoada de abóbora e batata doce

O Livro do Dia

ALBERTO CONEJERO
UNA LITERATURA EN LLAMAS:
O OFICIO DA ESCRITA DRAMÁTICA
UNA LITERATURA EN LLAMAS:
EL OFICIO DE LA ESCRITURA DRAMÁTICA

2€ na Banca do Festival

e com clássicos reinventados. Há espaço tanto para os mestres dos palcos europeus, como para vozes emergentes ousadas. O Festival nunca parece previsível ou elitista; estabelece, isso sim, um diálogo animado e acessível entre o palco e a cidade. Reunir uma gama tão vasta de visões artísticas num mesmo evento é uma verdadeira conquista.

Olga Pozeli, actriz e organizadora do Fundamental Monodrama Festival (Luxemburgo)

À semelhança das sessões anteriores, os participantes foram convidados a pensar e a verbalizar o que, e como, se sentem, sendo-lhe pedido para se expressassem através de um número de 1 a 5 (como numa avaliação escolar) e de uma palavra. E são muitas as palavras que surgiram. Partilhamos aqui algumas: escuta; experiência; convocação; acção; inspiração; motivação; enriquecimento; absorção; renascimento; conexão; satisfação e gratidão.

Inês Rodrigues